



## **Grifo: marcas da primeira revista de Mato Grosso do Sul<sup>1</sup>**

FERNANDES, Mario Luiz<sup>2</sup>. Doutor em Comunicação. UFMS - MS

ZAMPIERI, Gustavo<sup>3</sup>. Acadêmico de Jornalismo. UFMS - MS

**Resumo:** A revista *Grifo* foi lançada simultaneamente à implantação do Estado de Mato Grosso Sul em janeiro de 1979, constituindo-se, portanto, na primeira revista do novo estado. Este artigo relata a breve, mas significativa trajetória desta publicação que teve apenas sete edições em um ano de duração. Foi um projeto de jovens jornalistas, em sua maioria paulistas, retratou a realidade e as expectativas dos sul-matogrossenses dentro de uma nova configuração geopolítica. Complementar à narrativa histórica, este artigo desenvolveu uma breve análise de conteúdo da publicação para avaliar os assuntos mais enfatizados e sua abordagem editorial. Para atingir tais objetivos foi adotado como metodologia a pesquisa bibliográfica e pesquisa documental. Constatou-se que a *Grifo* desenvolveu um jornalismo notadamente interpretativo que buscou abordar em profundidade as temáticas mais latentes do recém-instalado Mato Grosso do Sul.

**Palavras-chave:** História da Imprensa, Revista Grifo, História da Revista, Imprensa de Mato Grosso do Sul.

### **Introdução**

Após mais de um século de movimentos visando à separação entre as regiões norte e sul de Mato Grosso, em 11 de outubro 1977, foi criado o Estado de Mato Grosso do Sul, constituído pela porção sul do então Mato Grosso uno. A separação era acalentada desde a Guerra do Paraguai (1864 a 1870), mas foi no governo de Ernesto Geisel, respaldado pela geopolítica militar e pelo interesse imediato em aumentar a base de sustentação política da ditadura, que ocorreu a criação do novo estado.

---

<sup>1</sup> Artigo a ser apresentado no GT História da Mídia Impressa.

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Graduado em Jornalismo pela UEPG (PR). Mestre e Doutor em Comunicação pela PUCRS RS). Pós-Doutorado pela Universidade Fernando Pessoa (Portugal).

<sup>3</sup> Acadêmico de Jornalismo. Bolsista de Iniciação Científica (PROCAD).



Para Bittar (2009, p. 35-36), a grande extensão territorial de Mato Grosso fez com que as regiões norte e sul, além da central, “[...] nunca chegaram a constituir exatamente a mesma história” o que gerou “duas formações históricas distintas [...]”. As dificuldades de comunicação e de transportes, as longas distâncias, os diferentes pesos econômicos e de representação política entre as duas regiões foram alguns dos ingredientes propulsores dos diferentes movimentos separatistas.

Um dos movimentos sulistas mais expressivos visando à separação ocorreu em 1954 e contou com o apoio do jornal *Correio do Estado* criado naquele mesmo ano por lideranças políticas de Campo Grande. Em sua edição de lançamento, o jornal trazia o manifesto pró-divisão do Estado, subscrito pelas principais lideranças do sul. Os estudos geopolíticos que direcionaram a criação de Mato Grosso do Sul, tiveram como ponto de partida os levantamentos feitos pelo ministro Golbery do Couto e Silva na década de 50. Nos anos seguintes ao lançamento do *Correio do Estado*, “as lideranças com base política em Campo Grande, intensificaram a campanha separatista através da imprensa, da distribuição de cartazes e de reuniões promovidas em várias cidades, procurando atrair a população para a causa da divisão” (CORREA, 1999, p. 67).

Criado o novo estado em 1977, em 1º de janeiro de 1979 ocorreu a sua efetiva instalação com a nomeação do primeiro governador, Harry Amorim Costa, a instalação da Assembleia Constituinte e de outras instituições que asseguravam a configuração político-institucional de Mato Grosso do Sul. Neste novo cenário também se insurgem os novos meios de comunicação, agora não mais com objetivos divisionistas, mas com a missão de contribuir para a consolidação da nova unidade federativa do Brasil.

Além das já históricas rádios Difusora AM (1939), Cultura AM (1949) e Imaculada Conceição AM e OT (1960); do jornal *Correio do Estado* (1954) e da TV Morena (1965), Mato Grosso do Sul nascia contando também com a FM Canarinho (1978) – a atual Mega 94 – a primeira FM de Campo Grande. Já nos primeiros anos, a imprensa regional recebia novos reforços. Em 1º de agosto de 1980 era criado o jornal *A Crítica* e em 11 de outubro do mesmo ano a TV Campo Grande, atual SBT MS.



Todos esses veículos continuavam em atividade em 2016, porém, outros jornais impressos surgiram e desaparecem nestes anos iniciais do novo estado.

Em meio a este emergente mercado de mídia sul-mato-grossense, em janeiro de 1979, portanto, juntamente com a implantação do estado, foi lançado o número zero da revista *Grifo*. Trata-se de um projeto editorial liderado pelo jornalista paulista Mario Marques Ramires, recém-migrado para Mato Grosso do Sul. A revista durou apenas um ano, mas deixou uma marca expressiva na história da imprensa local.

A revista abarca uma prática jornalística com características específicas. Scalzo (2003) define que enquanto os jornais nascem do engajamento político, a revista surge como um meio de entretenimento, de complementação da educação, de aprofundamento dos assuntos, da segmentação de leitores, do serviço utilitário. Logo, a revista une entretenimento, educação, serviço e interpretação dos acontecimentos. Possui menos informação no sentido clássico (notícias quentes) e mais informação pessoal (aquela que ajuda o leitor em seu cotidiano, em sua vida prática).

Ante a configuração geopolítica do recém-criado Mato Grosso do Sul e às características de uma revista, emergem questões como: Qual a representação feita pela *Grifo* sobre a implantação do novo estado? Qual a trajetória da revista e como ocorreu sua inserção do mercado de comunicação local? Qual a sua proposta editorial? Estas e outras questões permeiam a história da revista *Grifo*, objetivo central deste artigo. Para traçar esse perfil histórico, além de fontes documentais e entrevistas com alguns dos protagonistas da *Grifo*, foi desenvolvida uma breve análise do seu conteúdo editorial.

### **1. Revista *Grifo*: seus idealizadores e seus ideais**

A primeira revista brasileira, *As Variedades ou Ensaios de Literatura*, foi lançada pelo comerciante português Manuel Antônio da Silva Serva, em Salvador, em janeiro de 1812, quatro anos após a Família Real portuguesa ter chegado ao Brasil. Ao lado do *Correio Braziliense* (1808), da *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808), da *Idade D'Ouro do Brasil*, também criada por Silva Serva em maio de 1811, e do jornal literário



*O Patriota* (1813), compunha o conjunto dos cinco únicos periódicos brasileiros a circular até 1821 quando caiu a proibição da Coroa Portuguesa de se imprimir quaisquer publicações no território tupiniquim. Com o fim da proibição, proliferaram novos jornais.

Exatos 167 anos depois, em janeiro de 1979 um grupo de jovens jornalistas cria a revista cujo objetivo é debater as questões mais relevantes relacionadas à nova unidade da federação brasileira. Assim nascia a *Grifo*, lançada em Campo Grande, a capital do recém-instalado estado de Mato Grosso do Sul. O estado foi criado em 11 de outubro de 1977, desmembrado de Mato Grosso, pelo então presidente Ernesto Geisel, e sua implantação ocorreu em 1º de janeiro de 1979 com a nomeação de seu primeiro governador e a instauração da assembleia constituinte estadual.

A notícia sobre o nascimento de Mato Grosso do Sul foi estampada em muitos jornais brasileiros. Foi em um deles, o *Jornal da Tarde*, fixado em uma banca de revistas no centro de São Paulo, que a jovem campo-grandense Marília Leite, estudante de Jornalismo na FAAP (Fundação Armando Álvaro Penteadó), tomou conhecimento da novidade. Naquelas letras garrafais, percebeu que era a oportunidade de retornar à terra natal e desenvolver algum projeto que contribuísse na formação do novo estado. A ideia de uma revista foi surgiu de imediato. O próximo passo foi a busca de parceiros para o projeto. Seu marido, o paulista e também jornalista Mário Marques Ramires, foi o primeiro a aderir. Outros jovens jornalistas paulistas também encamparam a proposta, como o casal Neusa e Jorge João Chacha – que viria a ser reitor da UFMS de 1996 a 2000 –, Miriam Duailibi e José Márcio Licerre, entre outros.

Após muitas articulações e cheio de ideias, o grupo rumou para Campo Grande. Com Mário Ramires e Marília Leite à frente do empreendimento, foi constituída a Editora Matogrossense Ltda, instalada em duas salas alugadas no nono andar do edifício localizado à rua 26 de Agosto, nº 384. Meses depois, a editora foi transferida para a rua Dos Barbosas, nº 42. A equipe era formada por 14 profissionais entre jornalistas (seis), diagramadores, administrativo, financeiro e publicitários. Havia também uma rede de 18 colaboradores com textos diversos. Marília assinava como jornalista responsável. A fotocomposição era realizada na Tipografia Jornal do Comércio, os fotolitos em



policromia no Estúdio Policolor (São Paulo) e a impressão dos 2 mil exemplares na Gráfica Alvorada, em Campo Grande. Capa, contracapa e algumas páginas internas eram coloridas. Possuía representante comercial no Rio de Janeiro e em São Paulo.

A *Grifo* foi lançada no mesmo mês em que era implantado o estado. No editorial da edição número zero, a revista apresenta-se como um “[...] veículo de ideias. De troca de ideias, palpites e opiniões. Sobretudo entre nós que estamos vivendo a realidade do oeste brasileiro”. Sua proposta editorial estendia-se além das questões regionais e se propunha “acompanhar as mudanças que estão ocorrendo no país”. O breve editorial assinala ainda que “a opção por uma revista está ligada a própria origem da proposta, que é grifar, de maneira clara e agradável os aspectos mais significativos do momento que vivemos, estimulando a troca de opiniões entre os nossos leitores, colaboradores e entrevistados”. Ressalta que se trata de um trabalho “essencialmente jornalístico, desvinculado de quaisquer grupos de interesses políticos ou econômicos particulares”.

Marília<sup>4</sup> acrescenta que a opção pelo suporte revista foi em razão de não haver outra publicação semelhante em Campo Grande e pelo fato da revista possibilitar um conteúdo mais elaborado, sem a pressa de um jornal diário ou semanário. Neste sentido, a grande inspiração foi a revista *Realidade*, editada pelo grupo Abril entre 1966 e 1976 e que se tornou referência de qualidade do jornalismo literário e interpretativo no Brasil.

A capa desta edição trazia como manchete “Está nascendo um novo estado”. Estampava fotos de crianças, jovens, adultos e idosos campo-grandenses, além de panorâmicas da cidade e de lavoura, como simbolismo das principais riquezas do novo estado: sua gente e sua terra. Das 68 páginas, onze e meia eram de anunciantes diversos que apoiavam e davam a sustentabilidade financeira ao projeto. O preço de capa era 20 cruzeiros. Anunciava também que em março seguinte sairia sua primeira edição.

Além de seu conteúdo de vínculo social, a revista retratou personalidades que ficaram para a história. Marília destaca a entrevista de perfil com o poeta Manoel de Barros quando ele ainda não tinha a notoriedade nacional dos dias atuais. A entrevista

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida aos autores deste artigo em 11 de maio de 2016.





feita por José Octávio Guizzo é entremeadada com seis poesias do homem que declara ter se tornado poeta por ter “inaptidão para o diálogo”. Na mesma entrevista, a vertente literária da *Grifo*, inspirada na sua principal referência, a revista *Realidade*, é exponencial na descrição de Manoel de Barros, feita por José Guizzo: “É homem íntegro, afável, de sorriso solto, humor afilado. Seus cabelos começaram a pratear; os óculos dependurados no nariz compõem a figura do intelectual honesto, de posições definidas e sobretudo avançadas”.

Outro personagem destacado é o advogado Wilson Martins, que viria a ser o governador do estado em dois mandatos (1983 a 1986; 1995 a 1999). Martins fora cassado pelo regime militar em 1969 e retornou ao Brasil em 1979, tornando-se presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (seção Mato Grosso do Sul). Uma de suas primeiras aparições na imprensa após o regresso foi na *Grifo*.

Wilson Martins e Manoel da Barros tornaram-se colaboradores da publicação, assim como mais de duas dezenas de jornalistas de vários pontos do país como Rio de Janeiro, Goiânia, Cuiabá, Curitiba, Uberaba e de outras cidades.

A revista também deixou sua marca na área do entretenimento. As tirinhas da personagem Maria Dadô, criada especialmente para a *Grifo* por Marlene Mourão, a Peninha, destilavam um humor ácido e de crítica social. Segundo Marlene, foram os próprios diretores da revista, Marília Leite e Mario Ramires, que sugeriram a criação de uma personagem que representasse a cultura regional, pantaneira.

Maria Dadô é a junção de dois nomes comuns: Maria e das Dores. Mulher batalhadora que simbolizava a humildade e a simplicidade, “sempre procurando colocar as coisas em ordem e pondo os filhos “por diante” e no caminho da retidão”, descreve Marlene. A personagem era casada com Zétonhi (José Antônio), homem que ficava sempre sentado, de cócoras, fumando ou lendo jornal. Para Marlene, os quadrinhos são um meio de comunicação de extrema importância e através deles a autora conseguiu expor várias críticas sociais.

A autora relata que Dadô possui fãs de várias idades e fez muito sucesso na revista, sendo alvo de comentários e elogios na seção de cartas. “Havia uma mulher



conhecida que me ligava e morria de rir... parece coisa de louco, mas é verdade”, lembra Marlene. Com o fechamento da *Grifo*, Dadô “adormeceu” por longos anos e só retornou em 2007 pelas mãos da jornalista Livia Gaertner. Em 2012, virou livro e atualmente, às sextas-feiras, há nova tirinha da personagem no *Diário Corumbaense*.

Segundo Marília, a revista teve boa vendagem. Essa era uma das preocupações de seus diretores, ter uma boa carteira de anunciantes e boa venda em banca para não depender de mídia do governo e assim manter sua independência editorial. Porém, apesar do sucesso entre os leitores, o número de anúncios foi reduzindo, e isso passou a dificultar a sobrevivência da revista. Marília assinala que houve proposta de apoio de políticos, mas aceitá-la seria perder a independência editorial e então os diretores decidiram fechar a revista e a última edição saiu em dezembro.

## 2. Grifando as pautas do novo estado

Em seu único ano de história, a *Grifo* publicou sete edições, variando de 68 a 92 páginas. Não apresenta editorias fixas, mas no contexto político e histórico no qual se inseria, assuntos como política, economia, meio ambiente, questão indígena, entre outros, foram pautas recorrentes que buscavam retratar a realidade e os desafios de um Estado em construção. Adotava os gêneros jornalísticos opinativo – notadamente artigos – e informativo – nota, notícia, reportagem e entrevista.

A pauta política está presente em todas as edições em reportagens sobre a divisão do Estado, a anistia para os políticos brasileiros exilados, a eleição da Assembleia Constituinte estadual, disputas de terras, a existência ou não de petróleo em Mato Grosso do Sul.

Sua edição de apresentação (número zero) traz como manchete de capa “Está nascendo um novo estado” e abre com uma reportagem de 17 páginas sobre o perfil do primeiro governador, Harry Amorim<sup>5</sup>, nomeado pelo presidente Ernesto Geisel.

---

<sup>5</sup> Harry Amorim governou de 1º de janeiro a 12 de junho de 1979. Foi sucedido por um período de 17 dias pelo então presidente da Assembleia Legislativa, Londres Machado (13 a 30 de junho de 1979) e



Amorim era gaúcho, engenheiro e diretor geral do Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS). Até então, estivera poucas vezes em Campo Grande, apenas para inspecionar obras. A expectativa era de que algum político local fosse o nomeado.

A reportagem inicia com um relato humanizado sobre o carisma do governador, mas enfatiza questões mais agudas como as polêmicas sobre nomeação de Amorim, e as brigas de lideranças políticas locais na disputa pelo poder. Traz uma entrevista com o governador, uma longa enquete com 32 populares da mais variadas áreas de atividades opinando sobre o que esperavam da divisão e do governador. Há ainda entrevistas com representantes da Igreja, do Exército e da Justiça que falam sobre o que muda em suas respectivas área com a criação de Mato Grosso do Sul.

Outra questão polêmica. Campo Grande, agora elevada ao *status* de capital, vivia uma situação singular. Durante a ditadura militar os prefeitos das capitais eram indicados pelos governos estaduais enquanto que nos demais municípios eram eleitos pelo povo. Era o caso do então prefeito de Campo Grande, Marcelo Miranda Soares<sup>6</sup>. Porém, seus sucessores seriam nomeados, fato que Soares era contra conforme entrevista que concedeu na reportagem que abriu a edição de apresentação da *Grifo*.

Ainda no campo político, outra questão crucial para os sul-mato-grossenses: a instalação da Assembleia Constituinte do Estado<sup>7</sup>. Na capa da primeira edição (março) a manchete: Uma nova constituição vem aí! O que a gente ganha com isso? Na reportagem, seguindo a premissa da revista em dar voz ao povo, mais uma longa

---

pelo ex-prefeito de Campo Grande, Marcelo Miranda Soares (30/06/1979 a 28/10/1980). Soares voltou a ser governador, agora leito, no período de 15/03/1987 a 15/03/1992.

<sup>6</sup> Marcelo Miranda Soares foi eleito prefeito de Campo Grande pela Arena (Aliança Renovadora Nacional) em 31/01/1977 e permaneceu no cargo até 29/06/1979, quando assumiu o governo do estado e foi então substituído na prefeitura por Albino Coimbra Filho (29/06/1979 a 07/11/1980) e Leon Denizart Conte (07/11/1980 a 19/11/1980). Levy Dias (19/11/1980 a 06/04/1982) foi o primeiro dos quatro prefeitos de Campo Grande nomeados pelo governo do estado.

<sup>7</sup> A Assembleia Constituinte de Mato Grosso do Sul foi instalada em 1º de janeiro de 1979 com a posse dos 18 deputados constituintes. O presidente do Legislativo era o deputado Londres Machado e o relator da constituinte o deputado Ramez Tebet. O governador nomeado, Harry Amorim da Costa, administrou o estado por meio de decretos-lei até a promulgação da Constituição ocorrida em 13 de junho de 1979. Com a promulgação, a Assembleia Constituinte passou a ser denominada Assembleia Legislativa e os deputados constituintes tornaram-se deputados estaduais. A segunda Constituição foi promulgada em 05 de outubro de 1989.





enquete com trinta pessoas de diferentes idades e profissões opinando sobre o que é constituição e o que ela poderia “trazer de bom para o novo estado”. Na segunda parte da reportagem, uma mesa redonda com sete deputados que estavam à frente da Constituição. Eles expuseram suas opiniões, intercalando com as perguntas feitas pela revista, pontuando as principais contribuições da futura constituição para os mais diversos campos de atividades do estado.

Da política à economia, a exploração das riquezas naturais de Mato Grosso também foi pauta da *Grifo*. A reportagem “O eterno fascínio do diamante está na pedra, não na vida do garimpo” aborda a exploração de diamantes no município de Poxoréu e seu distrito de Alto Coité, a 250 quilômetros de Cuiabá. O texto faz um resgate histórico da exploração de diamantes desde os tempos bíblicos até os países atuais com as maiores jazidas do mundo.

No Brasil, a estimativa de extração na década de 70 era de 60 quilos/ano dos quais 70% eram contrabandeados para outros países. Mato Grosso era destaque nesta produção e cerca de 3.200 garimpeiros atuavam em Poxoréu. A denúncia da revista era de que cerca de 2 mil desses garimpeiros trabalhavam em condições “primitivas”. Relata também a exploração internacional na região por meio da Mineração São José, empresa multinacional com capital norte-americano. Trabalhadores também são entrevistados para relatar suas experiências no garimpo.

Em 20 páginas, a reportagem “Agricultura, uma saída para salvar a pátria?” discorre sobre a retomada da agricultura como uma das pontes para o desenvolvimento econômico do Brasil. As adversidades e potencialidades, principalmente do café e da soja, são contextualizadas no cenário econômico brasileiro e expostas as expectativas dos agricultores com a nova legislação do setor e com o novo ministro Delfim Neto que apresenta 20 propostas para estimular o setor, além de novos programas para o desenvolvimento da agropecuária. A soja é apontada como “nova esperança” em razão de suas inúmeras formas de consumo e que gera grandes lucros em muitos municípios brasileiros. Porém, matéria assinada por Neuza Santana, adverte sobre a devastação provocada pela monocultura, os altos custos de produção, a reforma agrária, o problema



da Amazônia e alguns conflitos de outros estados. Por fim, são expostos depoimentos sobre o assunto, desde o prefeito e secretário até fazendeiros e agricultores pequenos.

O meio ambiente foi uma temática também retratada na revista, trazendo reportagens sobre as belezas e a importância de alguns locais do estado, além de alertar sobre os riscos que a natureza corre em razão das ações humanas.

“Entre as visões e os mistérios da Chapada”, reportagem que inicia com fotografias grandes e coloridas, apresenta um visual moderno e inovador para a época. É mostrada a Chapada dos Guimarães e como e por quem foi descoberto o local. Faz a descrição detalhada de trilhas pelo interior da Chapada, suas riquezas e as sensações que as pessoas têm durante o percurso. Localiza as cidades próximas e como é o feito o caminho até elas.

Na mesma vertente preservacionista, a reportagem “Poucos lucram destruindo o que é de todos” tem como ponto de partida o tema da Campanha da Fraternidade daquele ano: o meio ambiente. A revista adverte que apesar de Mato Grosso/Mato Grosso do Sul ainda terem grandes concentrações de florestas, rios e animais, há problemas “esquecidos” ou problemas que são considerados “pequenos”, mas que se não forem sanados, logo será um grande desastre. Denuncia aos leitores os riscos gerados por “poucas pessoas”: os grandes latifundiários e pessoas de posses.

No final dos anos 70 e início dos 80 o mundo vivia uma ebulição cultural e de costumes como o surgimento da *discotheque* ou discoteca e o comportamento dos jovens. A *Grifo* não deixou de refletir essas mudanças no âmbito local. Música, dança, cultura, cinema, teatro, exposições, festivais e jogos foram pautas constantes. Antes mesmo da criação do atual rótulo de “sertanejo universitário”, a revista chamava atenção para o fenômeno de modernização da música sertaneja. A reportagem “Música sertaneja, de sertão mesmo, só saudade”, assinada por Pedro Ramires e Dante Filho, revela as mudanças sofridas pela música caipira de raiz e a música caipira moderna (anos 70) para atender demandas de mercado.

Outra pauta focada no entretenimento foi sobre a nova onda que estava invadindo as cidades: o Bozó ou Pebolim. Explica onde surgiu e como foi parar nas



idades, além de mostrar as opiniões dos praticantes da modalidade. Em Campo Grande, “em todo lugar se encontrava pessoas jogando”. A reportagem finaliza ensinando o modo de jogar.

“Dançar, dançar, dançar. Ninguém pode parar?” é a pauta sobre a febre da música disco e das *discoteques*. A narrativa vai da origem das discotecas ao modo como a nova onda influenciava a moda e o comportamento dos jovens. Traz também o outro lado, os músicos “verdadeiros”, não o toca disco, que estavam sofrendo com a redução do número de shows. Enquete feita com muitos jovens revela que, para eles, a discoteca era a melhor opção para os finais de semana, seja para dançar, paquerar ou apenas se divertir com os amigos. Como contraponto, o músico Miguel, tecladista e líder do conjunto Kirtuz, diz que a discoteca atrapalha o mercado de trabalho da categoria, mas que era apenas uma moda passageira.

Reportagens também retrataram o cotidiano sul-mato-grossense. Um delas – “Professores em greve. A Universidade existe” – foi sobre a greve dos professores na então Universidade Estadual do Mato Grosso, a atual Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. O texto conta a história da instituição e como ela evoluiu nos últimos anos, contudo, não foi o suficiente. Havia vários problemas de infraestrutura e principalmente a falta de salário de professores.

Campo Grande, agora como capital, enfrentava novos desafios. “A cidade hoje (sob controle até certo ponto)” aponta algumas deficiências como no transporte urbano, habitação, saúde, abastecimento, habitação e saneamento básico, sendo este último o pior problema enfrentado.

A cobertura sobre temas internacionais e nacionais era feita basicamente com artigos assinados por Alceu Simões Nader, Edmilson Costa e Marcio Ramirez. “O tirano de Uganda. Exagero?”, “Figueiredo na Arena”, “As ditaduras e aberturas da América Latina”, “Com qual partido o povo fica?” são alguns exemplos de que a revista estava interessada não apenas em levantar questões locais.

O interior de Mato Grosso do Sul também teve seu espaço. “Três Lagoas, meu amor” aborda a história daquele município, seu potencial econômico, sua localização



estratégica para o fluxo de mercadorias entre Mato Grosso do Sul e São Paulo, a importância do rio Paraná e a construção da usina de Jupiá, em 1967. Corumbá foi a pauta da capa da edição de setembro. A reportagem enfocou vários aspectos da cidade como suas belezas naturais, o pantanal, questões políticas, história, turismo e personalidades locais. Na mesma edição, Paranaíba também é alvo de um amplo perfil com sua história e a do trovador e poeta Dico Quirino, 61 anos, além da entrevista com o prefeito do município.

Em um estado com a segunda maior população indígena do país, a *Grifo* não deixou de focar a questão quase todas as suas edições. “Índio sem terra não é índio” faz um resumo da história dos índios no estado e seus problemas com o governo e latifundiários. Chama atenção para a importância da emancipação dos índios, denuncia que eles estão morrendo e sendo extintos, enquanto o governo dá atenção para os latifundiários. É entrevistado D. Thomás Balduino, presidente do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e bispo de Goiás Velho, que conta como funciona o trabalho do CIMI nas aldeias indígenas e qual a sua importância.

Entrevistas e “mesas redondas” eram uma das tônicas da revista para dar voz e vez às diversas correntes de opiniões que refletissem de algum modo as perspectivas do novo estado. Governador, prefeitos, ministros, poetas (como Manoel de Barros), ou pessoas comuns, eram frequentes em suas páginas. Um exemplo é o bate-papo com 12 mães e três repórteres mulheres da *Grifo*. O foco era discutir o papel e os desafios da mulher na sociedade e na família. Marido, a criação dos filhos, o tabu que era a mulher trabalhar para ajudar nas despesas de casa, os desafios e os preconceitos sofridos pela “mãe solteira” foram alguns dos temas debatidos.

Sua última edição traz um formato jornalístico até então inédito na revista: um dossiê. Com 23 páginas, incluindo mapas e fotos, faz um amplo diagnóstico sobre a possibilidade de haver ou não petróleo em Mato Grosso do Sul. A premissa parte da existência da grande reserva de gás natural existente na Bolívia que faz fronteira com Mato Grosso do Sul. Situado na mesma área geológica, seria natural que o estado



também tivesse essas jazidas. A Petrobras chegou a fazer sondagens, mas interrompeu o processo.

Com linguagem literária, o dossiê inicia com um diálogo em um bar entre um dos diretores e um cidadão comum, sobre o alto preço do litro da gasolina. Histórico sobre a exploração do petróleo no Brasil, mapas, relatórios técnicos de perfurações de poços já realizadas, gráficos, indicadores e outras informações contextualizam de modo aprofundado o leitor sobre este processo. A revista não conclui se há não petróleo em Mato Grosso do Sul, fornece os dados para que o leitor tire suas conclusões.

As fotografias são outros elementos que reforçam o posicionamento editorial da *Grifo*. Em todas as suas capas retrata pessoas comuns em cenas cotidianas. Não há políticos, pessoas famosas ou fotos produzidas (posadas). Nas fotos das páginas internas, o número de políticos e de outras lideranças não chega a ser expressivo. O que predomina é o povo, além das belezas naturais, das rotinas das cidades, entre outros. As frequentes enquetes trazem mais de uma centena de fotos de populares. As fotos fizeram com que a revista se tornasse destaque na época, pois o custo e a dificuldade de se obter uma impressão colorida eram altos.

### **Considerações finais**

Apesar de sua curta existência, sete edições em um ano, a revista *Grifo* deixou sua marca na história da imprensa de Mato Grosso do Sul. Não apenas por ser a primeira revista do novo estado que nascia e pela prática do jornalismo consistente e em profundidade, mas principalmente por retratar os valores e as expectativas do novo território e sua gente.

Suas temáticas iam da política ao entretenimento, mas sempre com uma abordagem única e primando pela contextualização do assunto abordado. Foi um projeto realizado por muitos jovens paulistas, mas que se apropriaram dos elementos socioculturais sul-mato-grossenses como se aqui vivessem há muitos anos. Retrataram as características locais de forma única e com muita propriedade.





## Referências bibliográficas

- ANDRADE, Danusa; FERNANDES, Mario Luiz. **O jornal Correio do Estado, de Campo Grande, no processo de divisão de Mato Grosso do Sul.** 2013.
- BAHIA, Juarez. **História, jornal e técnica: as técnicas do jornalismo.** Vol. 2. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- BITTAR, M. **Mato Grosso do Sul, a construção de um estado.** Vol. 1: regionalismo e divisionismo no sul de Mato Grosso. Campo Grande: Editora UFMS, 2009.
- CORRÊA, Lúcia Salsa. **História e fronteira: o sul de Mato Grosso 1870-1920.** 2ª ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2012.
- CORRÊA, Valmir Batista. **Coronéis e bandidos em Mato Grosso 1889-1943.** Campo Grande: Editora UFMS, 1995. 192 p.
- FERNANDES, Mario Luiz. **Panorama do rádio em Campo Grande.** In Nair Prata. (Org.). **Panorama do rádio no Brasil.** Florianópolis: Insular, 2011, p. 131-148.
- SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista.** São Paulo: Contexto, 2003.